

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º de entregas
Portugal (franco de porte, m. forte)	25\$000	15\$000	8\$500	120
Possessões ultramarinas (idem)....	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (entrega geral de correios)	5\$000	2\$500	—	—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 791

20 DE DEZEMBRO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 15 A 25

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Ocidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável: Castano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Um crime de assassinio, que muitos motivos põem fora da vulgaridade dos crimes, atenuado talvez por muitas circunstancias, doloroso por que levou a maior das dores a muitos innocentes, réo e victima tendo vivido na mais alta sociedade de Lisboa, foi uma d'estas noites commettido e logo se tornou assumpto para os mais apaixonados commentarios.

Nem d'outra coisa se falava, absorvendo todas as curiosidades dos indifferentes, pungindo os corações de todos os que haviam conhecido ou sido amigos dos desgraçados, que não é pequeno o numero d'elles.

E todos dão suas razões, disculem pormenores, philosopham sobre o caso.

Mas a verdade é esta: aquelle quinto acto tenebroso faz parte d'uma tragedia em que muitos dos que hoje falam, arripiados, tomaram parte nos quatro actos primeiros. Fingem-se hoje dueros expectadores, applaudem uns, pateiam outros, mas todos entraram n'aquella acção, sendo como primeiras partes, pelo menos com a complacencia de comparsas e os gestos ensinados que viam fazer aos outros.

Quando um final d'estes commove a inteira sociedade, não lhe fica a esta bem fugir qua sai felizmente pela porta da geral, d'onde viu de longe o drama. Medite na culpa que n'elle teve e de outra volta ao enredo ou enredos em que vai mettida, para que não sigam o caminho das soluções tragicas. E esse trabalho bom era que começasse desde que o panno se levanta. Depois não ha ter mão na logica dos successos.

Ha de esquecer o facto, outros assumptos hão de vir distrahir as attencões. Mas não hão de enxugar-se com a mesma pressa as lagrimas dos desgraçados a quem vieram contar que o filho querido estava no morgue atravessado por duas balas, as lagrimas de cinco innocentes criancinhas indistintas, todos os dias perguntando pelo pae, que está preso porque matou um homem.

São dores que duram uma vida inteira. E entretanto na comparsaria ha de haver quem soube primeiras partes, enquanto a orchestra preludia nos intervallos. Aquella tragedia acabou. Os que ficaram vivos, chorando, sahiram da scena para sempre. E tudo esquece, como até esquecem as obras do genio, os climes do *Othello*, as indecisões do *Hamlet*, a altivez do *Misanthrope*, as philosophias do *Fausto*. Tudo esquece e até poucos sabem do Evangelho. O panno vai erguer-se, vão correr como em comedia os actos até quasi ao descalace. Depois...

Sempre ha de ser assim, dizem pessimistas. Porquê, se nem sempre foi?

Servisse ao menos o exemplo, já que foi tamanha a commoção. Nem d'outro assumpto se falava, nem sequer havia tempo de commentar os discursos de El-rei e do almirante inglez, as noticias da alliança de Portugal com a Inglaterra analysada pelos periodistas hespanhoes, a que attivamente responderam os jornaes portuguezes, a viagem do Kruger, o não exito obtido pelo Presidente do Transvaal na sua malograda visita ao Imperador da Allemanha, o retratamento da Rainha da Hollanda.

Voltas que dá o mundo! Tão triste o honrado chefe da nação boer sahiu da patria, de tanta esperança o escheram os primeiros que na Europa o applaudiram, tão desanimado deve agora pensar no desasosiego dos seus annos velhos!

As noticias da guerra na Africa do Sul continuam

ainda a abressaltar os animos. Não era felizmente exacta a que se referia a um ataque dos boers contra as forças portuguezas em Komati-Poort. Até a data d'um despacho recebido pelo sr. ministro da marinha, nada houvera proximo da fronteira portugueza, a não ser certos movimentos estrategicos dos boers. Todas as providencias necessarias estavam tomadas. Bem andou portanto o governo mandando uma forte expedição para Lourenço Marques. O telegramma do governador termina dizendo que, se-

gundo todas as probabilidades, os boers não tentarão nenhuma investida contra as nossas forças. Novas posteriores confirmaram a excellente noticia, dando os boers como desistindo da investida, que mal poderiam dar sem entrar em territorio portuguez.

Ainda bem. Teremos festas felizes, não perlturbadas com receios de guerra.

O seculo vai-se aproximando do seu termo e não sei se o primeiro de janeiro proximo se poderá chamar de Seculo Bom. Seria talvez pedir um pouco de



Secretario

Medico

Official de ordens

Kruger

O governador Antonio José Machado

O PRESIDENTE KRUGER EM LOURENÇO MARQUES

(De photographia do sr. J. A. M. Lazarus)

maia. Mas se é verdade o que se diz, que os portugueses ali no pedir são mesquinhos, façamos por esta vez uma excepção. Os horizontes estão claros, tento não caías, não se estendem pela cúpula do céu grossas nuvens temerarias, alarguemos os corações e, até onde a vista pelo futuro abranja, alegremos o nosso olhar. Um século bom...! Afinal ainda é pedir pouco.

Ainda não ha muito, a proposito da aliança inglesa, ouvi citar o Bandarra: «Das ruínas de Hespanha se levantará Portugal».

O peor é que já lá vai o anno com que os sebastianistas mais contavam e que era 1881, anno sem direito nem avesso, de traz para diante, de pernas para o ar, visto no espelho ou visto a transparencia, sempre igual. E' triste termos de apellar para 8118!

Dizem que o Bandarra era de Casével e ali pelas arredores ainda é lido em certa estimacão. Numa das suas quadras diz-se que fala n'um cavallo monstro de ferro, que comeria lume e deveria andar sem pernas, que em Casével se demoraria por muito tempo, antes que caminhasse até ao Algarve. Ora assim succedem muitas annos com o conhom. Quem sabe se o Bandarra não tem muita vez razão?

Na hora em que estou escrevendo esta chronica, alista-se pelo Tejo um nevoeiro... Quando chegar Elle lá da Ilha Escondida, onde espera a hora de cumprir o seu destino?

Ha quem ria!... Pois não temos todos nós um sebastianista cá dentro? E o que elle nos ajuda a viver!... E quem nos dá as sonhas bons e pioceladas d'ouro nas nuvens da temporal. Sorri-nos em todas as desgraças e faz crescer folhinhas verdes de esperança no topo de cada saudade. Alenta-nos com sorrisos e bons conselhos de paz nos nossos desesperos. Excellente, querido sebastianista, como eu te estimo e lo alinho, comovido, cheio de gratidão!

Ainda hem' que assim nos encontra a aurora do século XX.

Prophetas, astrólogos, alchimistas, ainda tem seu trabalhinho a fazer. Mudaram de nome apenas, mas continuam a ser onvidos e consultados. As moças, que andam a roda, tem grandes encargos a cumprir. O preciso é que haja quem alente os sonhos, que sonhar é que é viver para a maior parte.

A realidade é quasi sempre tão triste!... Tão poucas alegrias verdadeiras ha por esse mundo...!

Não foi, porém, com estas philosophias, que um dia d'esta semita paranda, varios amigos de Affonso Taveira embarcaram na ponte do Caes do Sodré para uma viagemzinha até ao Lazareto, onde foram buscar o intelligente empenheiro. Ah, sim, no Victoria, houve alegria verdadeira. Taveira chorava comovido e todos os que o abraçavam partilhavam d'aquella commoção. Os filhinhos, que elle não via ha tantos mezes, esperavam-o a bordo; as saudes não descontinuuam; o céu estava uma beleza; o giro acciético pelas terras do Brazil não fôra máo; todos voltavam com saude. Sempre uma vez por outra, ha uns dias de alegria na terra.

Não se sabe por enquanto se Taveira organizará companhia em Lisboa. Horas depois de haver desembarcado, partiu para o Porto, onde hoje tomará parte n'uma ruella em beneficio da familia do Cyriaco de Cardoso.

Uma nuvem sempre devia haver.

Taveira trouxe do Brazil um musico de muito talento, Nicolino, que será o encarregado de substituir Cyriaco na direcção da orchestra. E' um solista notavel, arrastador e compositor de merito.

Em theatros pouco mais ha, além da abertura do S. Carlos, que é sempre o mais notavel facto theatrical de todos os invernos.

Para Janeiro a Rejane. E conheceremos então em Lisboa uma obra d'um dos mais notaveis, sendo o mais notavel de todos os dramaturgos francezes: Abel Hermant.

A Dusa despediu-se do nós, cahindo morta com o tiro que lhe deu Claudio. Meia duzia de palmas... um agradecimento contrafeito... Não ha nada mais volúvel do que o publico dos theatros portuguezes! Doente como ella estava, é certo não podia dispôr de todos os seus extraordinarios recursos; mas ja se viu alguma vez melhor do que a scena da Casa de Boneca, em que Nora escuta, pasmada, os improperios do marido?

Aquillo, sim, é genio!... Mas as bengalas estão no bengaleiro, apanha-as é uma difficuldade, e os casacos e os luzeiros, amantissimos vai-se aos elephantes, que é de chapéo na cabeça, meia duzia de palmas... E adous a Dusa para sempre!

João da Camara.



AS NOSSAS GRAYURAS

KRUGER EM LOURENÇO MARQUES

No palacio do governador, cujo frontispicio hoje reproduzimos, foi o Presidente do Transvaal hospedado pelo sr. Antonio José Machado.

A forma porque o glorioso velho foi acolhido pelas autoridades portuguezas, o carinho de que o cercaram, o respeito com que foi tratado, são reconhecidos por todos aquelles que, com boa fé costumam falar das nossas coisas. Eloquentemente responde a grosseiras calumnias a carta dirigida por Kruger ao governador geral da provincia, sr. conselheiro Joaquim José Machado.

No grupo que reproduzimos vemos o glorioso vencido com seu secretario, medico, o governador de Lourenço Marques, sr. Antonio José Machado, e o ajudante que foi posto ás ordens do presidente transvaalano.

Essa photographia é um documento eloquente. Os primeiros passos do homiziado dirigiram-o para quem só diligenciou fazer-lhe esquecer amarguras.

Foi tal a correcção das autoridades portuguezas, que do proprio governo britannico recebeu o de Portugal testemunhos de consideração por esse motivo. Pois não deixou de ser difficilissima a sua posição e perigosa a demora da presidente em Lourenço Marques.

Tudo correu pelo melhor, felizmente.

NAPOLEONE VELLANI

Muito desejava satisfazer o pedido que me fez a redacção do Occidente, de acompanhar com algumas palavras o retrato do professor Vellani, mas para tal seria necessario que eu dispuzesse sequer d'uns simples traços biographicos, o que dada a urgencia do pedido, me não foi possivel obter. Terrei, pois, de limitarme a significar quanto me foi agradável ter esse ensaio de patentoar toda a minha admiração por esse artista que durante tantos annos tem conservado entre nós um lugar proeminente, sem que a fadiga o tenha prostrado em toda uma vida consagrada ao arduo mister de dar lições. E' que Vellani, sobre ser um apostoio servente da arte que professa, tem em cada discipulo um amigo, um admirador, que, seguindo-lhe os judiciosos conselhos, faz, pelos progressos adquiridos, esquecer tudo quanto monotonos e de fastidiosa deve ser a tarefa a que tem consagrado a existencia.

Napoleone Vellani é o mais antigo dos nossos professores de canto, e é avultado o numero de discipulos que publicamente tem demonstrado o seu grande valor e o seu excellentissimo methodo de ensino. Entre estes, como figura a destacar-se n'uma aureola de luz, está Regina Pacini, essa peregrina cantora cujos primeiros passos, ja seguras, como os de uma artista consagrada, faziam facilmente prever um futuro glorioso. E, quando n'este nosso amesquinhado meio artistico, um professor logra apresentar uma discipula como Regina Pacini que nas primeiras scenas lyricas do estrangeiro é proclamada e victoriada, não preciso de outros documentos comprovativos do seu merito.

No entretanto, ainda ha poucos dias em uma matinee no salão de S. Carlos, Vellani nos veio mostrar que trabalha sempre e que lhe sobram elementos para isso. Ajuntou um grupo de discipulos constituindo um interessante programma cuja execução seria mais um elogio para o eminente professor, se este d'elle carecesse.

Publicando-lhe pois o retrato e contando o no numero dos homens de valor indiscutivel, a redacção do Occidente presta justa homenagem a um dos nossos melhores artistas.

J. Neupart.

O BANQUETE NA SALA DO RISCO

Entre as festas com que se assinalou a visita ao Tejo da esquadra inglesa do Canal, foi, sem duvida, a mais significativa, depois do banquete offerecido por S. M. El-Rei ao almirante Rawson, o banquete offerecido pelo governo portuguez, ao almirante e officiaes da esquadra, na Sala do Risco do Arsenal de Marinha, em a noite de 8 do corrente.

N'esse banquete, de mais de duzentos talheres, em que tomaram parte, além do almirante inglês e toda a officialidade da esquadra, os membros do governo, ministro inglês, officiaes superiores da armada e do exercito, altos funcionarios, etc, houve troca de brindes affectuosissimos e entusiasticos, sendo de alta significação os discursos pronunciados pelos srs. ministro inglês e almirante Rawson, em que mais confirmaram o que haviam dito no banquete d'El Rei.

Como documento importante para a historia, aqui reproduzimos esses discursos:

Discurso do sr. ministro inglês

Pela segunda vez tenho a rara fortuna de me erguer n'esta sala para agradecer a lórum amavel por que o governo do rei de Portugal, pela bocca do sr. presidente do conselho, tão sentida e calorosamente brudou a minha augusta e amada soberana. E' de necessarios que eu assegure a v. ex.ª que sera o meu primeiro cuidado levar esta circumstancia ao conhecimento de sua magestade.

Não me abalancarei a ser interprete dos sentimentos que despertou no almirante sir Harry Rawson e nos officiaes da esquadra o seu commendo e amigavel acatamento que tão cordalmente lhes disseram os seus camaradas da nobre e historica marinha da guerra portugueza. Mais eloquentemente do que eu dirá o almirante Rawson e que os seus loizos pensam e sentem n'esta occasião memoravel. So me atrevo a dirigir-me esta noite a v. ex.ª foi unicamente para responder ás palavras lisonjeiras com que o sr. presidente do conselho acaba de referir-se á minha soberana e ao meu paiz e levantar um brinde que é caro ao coração de todo o subdito britannico.

Antes de o fazer, porém, aproveitarei tal ensejo para agradecer ao governo de sua magestade fidelissima, da maneira mais calorosa, a attitudie amigavel que manteve com tanto tacto para com a Gran Bretanha durante a guerra, attitudie que foi no mais alto grau apreciada pelo governo da sua magestade. Como o sr. presidente do conselho ainda ha pouco disse, não é de recente data a aliança que une as duas nações; não são tão recentes no passado, mas ainda no presente se affirmam. Assim como os vasos da guerra modernamente se transformaram para corresponder pela sua construção e armamento ás necessidades actuaes, melhor que os caravaes dos tempos antigos, assim também foi no cessar remodelar e adaptar ás exigencias de hoje os velhos diplomatas que no passado nos uniram.

O governo de sua magestade considera, pois, que mais se robusteceram com os recentes acontecimentos os tratados ha tanto tempo existentes entre os dois paizes, o que — repetidas vezes se tem affirmado — a ambos obriga ainda.

E, por consequente, o sincero e leal respeito do governo de sua magestade que esta firma e antiga amizade e aliança decididamente se mantenha de futuro.

Pelo que todos a mim se associem ao desejar venturosa e prosperidade a Portugal, ainda n' felicidade a El rei, á esua e a toda a familia real.

Discurso do almirante sr. Rawson

Ex.ªs Senhores. Meus Senhores! — Ao agradecer a honra em extremo affectuosa pela qual a v. ex.ª o ministro da marinha levantou, e v. ex.ª acolheu, o brinde á marinha britannica e aos seus officiaes que se acham agora no Tejo, não encontrarei palavras bastante valorosas para exprimir quanto nós todos apreciemos as attitudies que nos são tributadas e a marinha a que pertencemos.

Senhores! N'esta immensa reunião de cerca de 300 pessoas, entre as quaes vejo junto a mim todos os membros do governo portuguez, todos os officiaes superiores da marinha e do exercito e também muitos officiaes de todas as categorias, deputados e pares de Portugal e representantes dos funcionarios civis, sinto que este magnifico banquete, sendo ostensivamente reconhecimento de boas vindas á esquadra britannica, tem por fim real honrar a dignidade e a accção da amizade e aliança entre Portugal e a Gran Bretanha e Irlanda.

Lisboa e o seu formoso Tejo tem sido sempre considerados como um dos mais apraziveis portos visitados pela esquadra britannica e como um dos seus agradaveis estagões. Espero que a esquadra do Canal visitará muitas vezes o Tejo, estreitando assim os laços de amizade e uniao existentes entre os dois paizes.

A ultima vez que eu tive a honra de jantar n'esta esplendida sala, ao agradecer a deslumbrante recepção que me foi feita, ellei alguns dos muitos honras illustres d'aquelles grandes navegadores que out'ora descobriam, pode dizer-se, o mundo oriental, por que não os portuguezes almirantes castilhos, descobrindo o formidavel Cabo da Boa Esperança, para o Oriente, que era então os muros um mytho, uma região de onde provinham as especiarias e as sedas mas se por causas varias terrestres. Não havia estuncho maritimo directo e a homens como os que sourei, todos portuguezes, a Vasco da Gama, a Bartholomeu Dias, a Affonso de Albuquerque, a João de Castro e a outros como elles, deve realmente o mundo a um tamanho commercio do Oriente.

Quem, como eu, visitar alguma das covas do Africa, por toda a parte onde for ver que os portuguezes ali chegaram seculos mais cedo. Que colonisadores aquelles! que soberbos coragem a de penetrar n'essas regiões desconhecidas! Por que, recordando as superstições que n'aquelles tempos prevaleciam de demônios e de monstros a partir do globo nada por descobrir, podemos avaliar realmente o animo necessario para arrotar tanto com os perigos conhecidos no mar, e com os tempestades do Cabo da Sul em tão pequenas navios, como também com os perigos desconhecidos em terra. Que heroes esplendidos não de ter sido! A Inglaterra deve-lhes muito, porque as suas colonias do Oriente e o seu grande commercio ali, são em grande parte o resultado das vidas, do trabalho e da coragem d'esses homens.

Regosijei-me ao receber ordens de Inglaterra para visitar novamente este bello rio e patular, pela nossa presença

aqui, a fructuosa amizade que, sob todos os pontos de vista, existe entre Portugal e a Inglaterra. Sou profundamente um official da marinha e nada sei, pois, de politicas nacionaes; no entanto, sei que o governo de sua magestade correspondente amavelmente aos sentimentos ha pouco manifestados por sua magestade o rei de Portugal e pelo que me diz pessoalmente respeito, aspira a ver realçada a mais estreita uniao e alliança entre as duas nações.

Antes de propor a brinde á prosperidade da marinha nossa irmã, permitto que agradeça, em nome da marinha britannica, a magnifica recepção que considero, como disse, dedicada á nação que sempre foi nossa amiga e aliada.

Não encontro como desejava, expressões para testemunhar o muito que apreciamos este brilhante acolhimento. Mostra elle que, um a todos, só realmente nossos verdadeiros amigos, por isso, agradeço em nome de meu país, possa a antiga alliança estreitar-se cada vez mais.

O brinde que tenho a propor, é a marinha portugueza, e é-lo em nome das officinas meus camaradas, dizendo que sentimos e sabemos que essa marinha manterá brilhante a gloriosa tradição que lhe foi legada por aquelles grandes heróis seus illustres antepassados.

Senhores! Brindo pelos nossos camaradas na marinha irmã, pela marinha portugueza!

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1885-1886

Longo depois de concluídas as recitas da assignatura ordinaria da companhia lyrica, houve uma serie de recitas pela companhia franceza de operetta e vaudeville, cujos principaes artistas eram Lucie Chassaign, Lentz, Murel e os actores Worm, Dupuis etc.; era empresario J. Schurmann o enajador da Patti.

O repertorio foi o seguinte:

La vie parisienne, de Offenbach em 26 de abril, *Lili*, de Herve, em 28 de abril de 1886, *Niniche*, de Marius Boullart, em 30 de abril, *Le chapeau de paille d'Italie*, de March Michel e Labiche, em 1 de maio, *Mimette*, de Herve, em 3 de maio. Para as recitas que se realisaram no theatro de S. Carlos, por occasião das festas do casamento do príncipe real D. Carlos com a princeza D. Amelia de Orleans, escriptou a empresa o tenor Tamagno, a dama Virginia Damerini, o baixo Serbolini, e alguns dos artistas da actual epocha lyrica.

Logo que terminaram as recitas da companhia franceza foi apeado e desarmado o grande lustre, e em seu lugar foi collocada uma rosa ou circulo de bicos de gaz junto ao tecto, e 8 candelabros na 1.ª ordem; a sala ficou quasi ás escuras; o effeito d'esta nova illuminação era detestavel.

Na recita de gala, que se realisou em 23 de maio, a illuminação foi por meio de luz electrica, com lampadas de incandescencia; na 1.ª ordem havia 12 candelabros e na 2.ª e 3.ª as 20 com 5 lampadas cada um; na tribuna estavam 5 lustres com 8 lampadas cada um, o que perfazia no todo 200 lampadas; eram estas lampadas alimentadas pelas correntes de duas machinas dynamo-electricas de Siemens, movidas por uma locomovel de 16 cavallos, installada no pateo da Academia Real das Bellas Artes, na rua Nova dos Martyres, hoje Serpa Pinto. A illuminação era esplendida; intensão a regular.

N'esta ultima assignatura extraordinaria deram-se as seguintes operas:

Polina, de Donizetti, em 13 de maio, por Borghi-Mamo, Tamagno, Coletti, Durini, Waldes, Silva, Ghidotti.

La Semiramide, de Rossini, em 15 de maio, por Borghi-Mamo, Scatchi-Loli, De-Bassini, Serbolini, Waldes, Ghidotti.

Aida, de Verdi, em 17 de maio, por Virginia Damerini, Scatchi-Loli, Tamagno, Coletti, Serbolini, Waldes, Durini.

Em 21 de maio, em beneficio dos bombeiros municipaes de Lisboa, da associação de 24 de junho e da vinda Dalmat, houve no theatro de S. Carlos, 11 preços mais elevados, o seguinte espectacolo: 3.º acto da *Norma*, por Damerini, Todo, De-Bassini, Serbolini, 2.º acto do *Propheta*, por Scatchi-Loli, Damerini, Tamagno, Serbolini, Waldes, Durini, Silva, Chaves; d'outro do 4.º acto dos *Huguenotes*, por Borghi-Mamo e Tamagno; uma symphonia de Julio Neuparth, e um *divertissement*.

Em 23 de maio verificou-se a recita de gala pelo casamento do príncipe D. Carlos de Bragança com a princeza D. Amelia de Orleans; o espectaculo compoz-se do 1.º acto de *Semiramide*, terminando na cavinha de Arance; 1.º quadro do 2.º acto da mesma; 2.º quadro do 3.º acto da *Aida*; 3.º acto da *Aida* e um *divertissement*.

A sala de S. Carlos estava de um esplendor como ainda se não viu; a illuminação era magnifi-

ca; as *tribunes* muito vistosas, a que fazia magnifico quadro a elegancia e belleza da sala, que é uma das mais bellas de todos os theatros da Europa.

Estavam na tribuna real: Rainha D. Maria Pia, Princeza D. Amelia de Orleans e sua irmã D. Helena, e seu irmão o duque de Orleans, Princeza de Joinville, condessa de Paris, Rei D. Luiz I, Principe Real e seu irmão infante D. Affonso Henriques, seu tio infante D. Augusto, conde de Paris, duque de Chartres, principes Amadeu de Saboya, Jorge de Inglaterra e Fernando de Saxe-Cobourg; era deslumbrante o effeito da tribuna real.

Citaremos dois episodios d'esta extraordinaria festa; o somno do noivo, e a ovação á noiva. O príncipe real D. Carlos de Bragança, que evidentemente estava estafado, de figurar em tantas festas, durante tantos dias, quasi toda a noite esteve a dormir, e a escabecear, na tribuna. No fim do 3.º acto da *Aida* a familia real retirou-se, fazendo, como de costume, a sua elegante saudação ao publico, a esbelta e magestosa figura da rainha D. Maria Pia; todos seguiram a rainha, menos a princeza D. Amelia que se deixou ficar para traz, e que, por seu turno, veio em seguida á frente da tribuna fazer uma graciosa e risonha cortezia ao publico; então os espectadores romperam em estrepitosos applausos e vivas á princeza, prolongando-se esta ovação por alguns minutos, dando-lhe, porém, fim, o rei D. Luiz I que veio buscar a princeza, que então se retirou acompanhada pelo seu noivo e por seu sogro.

N'este mez de maio houve, no salão do theatro da Trindade, concertos de musica classica da camera por Monasterio (violino), Urrutia (violoncello), Alfredo Napoleão (piano), Caggiani (violino), Silva (violoncello).

Em 8 de junho d'este anno de 1886 houve no theatro de S. Carlos uma representação da opera *I Promessi sposi*, de Ponchielli, por amadores, em homenagem ao real consorcio; representaram: Luiz da Silva, Maria Perry Botto, Gertrudes Mora de Oliveira, João Affonso (tenor), José Avelino Baptista (barytono), D. José de Almeida (baixo), Paulo de Quental, Miguel Marques; a orchestra era composta de artistas de S. Carlos; a opera foi ensaiada e regida por Antonio Duarte da Cruz Pinto. A primeira dama Luiza Silva, cantou a romanza do 2.º acto da opera *Forza del destino*, de Verdi. Dos amadores que representaram n'esta opera merece especial menção D. José de Almeida, pela expressão e gosto que imprimia ao canto com a sua agradável voz de baixo cantante, e pela maneira distincta de estar em scena; era filho de D. Francisco de Almeida, ajudante do rei, e neto dos viscondes de Carnide por sua mãe.

Em 10 de junho houve no salão da Trindade um concerto por amadores, em que se executou o poema lyrico *Les Orientales*, de A. Keil, para orchestra, com coros, baillados, e solos de contralto, tenor, baixo e violino; regiu o maestro Filipe Duarte e ensaiou os coros Guilherme de Barros. Tem esta composição bons trechos onde se revela inspiração, e a orchestração é graciosa e aprimorada.

Em 21 de junho houve á noite um concerto no salão de S. Carlos em beneficio do trompa Thomaz Del Negro.

Em 27 do mesmo mez houve n'aquelle salão um concerto em beneficio do pianista Alfredo Napoleão.

Em 15 de julho houve no salão do theatro de S. Carlos em beneficio de Bonafous, mestre dos coros do mesmo theatro, um concerto em que figuraram algunos discipulos d'aquelle mestre.

Logo no principio da epocha theatral, um triste acontecimento veio affligir o empresario; em 17 de novembro de 1885, falleceu uma sua filha, Maria Henriqueta de Campos Valvez, de uma erysipela na cabeça; era uma sympathica rapariga que apenas tinha 14 annos de idade. Por este motivo o theatro fechou as suas portas ao publico nos dias 17 e 18 do dito mez.

Foi a estação theatral de 1885 a 1886 uma das mais brilhantes pelo grande numero de celebidades que illustraram a scena de S. Carlos. Além das já conhecidas no nosso theatro, Cotogni Fides Devries e Tamagno, vieram realçar este templo da arte lyrica, o tenor Mesini, a dama Patti e o contralto Scatchi-Loli.

Angelo Masini não pisava pela primeira vez o palco de S. Carlos; já d'elle fallámos descrevendo a epocha de 1873 a 1874; era então um joven principiante com uma voz agradável; n'estes doze annos decorridos desen volvera-se, porém, extraordinariamente como cantor, de mimo, de delicadeza e expressão. N'este genero nunca ouvimos nenhum tenor tão perfeito; eram suas qualidades especiaes a *marzare*, o canto a *fur di labbra*, a *mezza voce*, os

pianissimo e a *aguidade*; era surpreendente no *Barbeiro de Sevilha*, e na scena da morte da *Lucrécia Borgia*; devemos tambem citar como interpretação elevadissima a que deu ao desempenho do 3.º acto do *Fausto*, não só como cantor mas tambem como actor. É o tenor de *essa* *carreira* mais perfeito que temos ouvido; a aguidade do seu orgão vocal era vertiginosa, correcto e facil; não julgávamos que houvesse n'este tempo um tenor que podesse cantar a parte de *Almanico* no *Barbeiro de Sevilha* com tal correcção e rapidez de aguidade, juntas ao mais delicado e primoroso canto e elegancia artistica. Um defeito tinha porém, Masini, que com o tempo se aggravou consideravelmente; era cantar fóra de tempo e transformar muitas vezes o *rythmo*.

Finalmente recebeu o palco de S. Carlos, em março de 1886, a prodigiosa cantora Adelina Patti; já não era sem tempo. Havia um quarto de seculo que a famosa *dina* seguia a carreira lyrica com um successo cada vez mais estrepitoso; filha da dama Berli e do tenor Patti, que haviam cantado em S. Carlos em 1849, como dissemos n'outro logar, a celebre artista vinha precedida de tal fama, que depois de tão longa carreira podia muy bem dar-se, sem ser caso de espanto, que já estivessem decadentes esses asombrosos predados que tinham feito de Adelina Patti uma cantora unica. Mas a natureza que tão prodigiosa fóra em dotes musicaes para com ella, ainda lhe foi generosa na conservação de tão raras qualidades durante tantos annos, e a cantora, por seu lado, cultivando as diversas formas da arte lyrica, ainda mais fez realçar o que recebera da natureza.

Com effeito tinhamos ouvido a Patti, por varias vezes e na epocha do seu apogeu; em 1862 no *Barbeiro de Sevilha* em Londres, em 1867 na *Somnambula* em Paris, e no *Troador* em 1878 em Londres. Apreciamos então, sobretudo nas duas primeiras operas, as qualidades excepcionaes de dama ligeira que tornavam a Patti unica no seu genero; a extensão, valima, belleza de timbre, e facilidade, da voz, o uma aguidade e *flexibilidade* maravilhosa de nítido, *forte* ou *piano*, rapida ou lenta, na escola ascendente ou descendente; mais o que, nos ultimos annos, adquiriu a mais, e que o publico lisboense, ponde apreciar no theatro de S. Carlos, foi a expressão e sentimento no canto, e o apropriado na acção e nos gestos; assim se a Patti exhibia as maravilhas da dama ligeira no *Barbeiro de Sevilha*, no *Hundo du Lucin*, no *Reo de Eckert* etc.; fazia ouvir um canto doce e voluptoso na valsa *Il bacio di Arditi*, soltava phrases apaixonadas e sentidas na *Traviata*, e no *Carmen*, de Bizet, era um magnifico typo de bondalura apaixonada, canalha, graciosa e vingativa. Juntamos a estas recordações ainda, que na *apartito* de Bizet dançava como qualquer *entrouna mania* nos baillados do 2.º acto juntamente com a Canali e o corpo de baile, e que no 4.º acto d'esta opera e no ultimo da *Traviata*, simulando com notavel propriedade, duas scenas de genero tão oppostas, uma no augo do desespero e a outra nas ultimas palpitações da trilha, mostrou como o estudo de seu talento a faculdade de se revelar tambem superior na acção e nos gestos.

A Patti agradou muito em Lisboa; mas não teve n'esta epocha *coleries* a prepararem-lhe ovação nem dumas da alta sociedade a organizarem-lhe festas; de modo que os applausos, flores, corôas e outras manifestações de agrado, foram inferiores ás que obtiveram artistas de valor incomparavelmente menor, e n'esta mesma epocha; mas nem sempre a justiça humana é completa; e os applausos nem sempre, em quantidade e qualidade, correspondem ao merecimento de quem os recebe.

Para este facio, que lança sobre o publico do nosso theatro lyrico certa mancha de injustiça, que de certo não era a primeira, nem provavelmente será a ultima, concorreram varias circumstancias, como a excessiva elevação dos preços, o estar a Patti pouco tempo em Lisboa, o modo de vida que a celebre cantora levava, viver muito retirada, não fazer caso de altos personagens em posição, ou riqueza, antes pelo contrario ser mais accessivel aos pequenos, etc. A *dina* preferia um jantar frugal e intimo em casa do malogrado fohetisista Julio Cesar Machado, ás mais esplendidas funções da corte. Coniremos a respeito da Patti em Lisboa um episodio que então se deu.

Logo que se desenvolveu enthusiasmo por ouvir a Patti, o antigo empresario do theatro de S. Carlos, Freitas Brito, que, com geral admiração, nunca a contratara para aquella scena durante a sua longa gerencia, lembrou-se de a apresentar no Colyseu, que agora explorava como empresario, para o que se dirigiu a J. Schurman, que era o empresario particular da Patti e com elle se achava em Lisboa.

Lizia-se que entre outras condições impostas



CASA DO GOVERNADOR DE LOURENÇO MARQUES, ONDE ESTEVE HOSPEDADO O PRESIDENTE KRUGER

(De photographia do sr. J. & M. LAZARUS)

por Schurman, figurava uma singular; desejava a habito de Christo, para juntar a outras condecorações que já possuía. Não pareceria difícil a Freitas Brito satisfazer a esta exigência; pois que não tem sido pouco prodiga a regia munificência em conceder estas e outras graças n'estes reinos, a nacionaes e estrangeiros; e tendo amigos influentes no governo julgaria talvez o negocio feito. O que é certo é que logo correu rapida a noticia de que a Patti daria algumas recitas no Colyseu a preços muito inferiores aos de S. Carlos, o que não seria para admirar, visto a vastidão de sala do Colyseu, que comporta grande numero de logares nos galerias.

(Continua)

Francisco da Fonseca Benevides.

Folheando a historia

A humanidade, ora acariciada pela brisa fagueira da ventura, ora, bruscamente, sacudida pelos vendavaes da desdita, é o eterno ludibrio d'essa abstracção potente e caprichosa, fatal e inconstante, o, não raro, illogica e injusta que se chama Destino.

Hoje, prazeres e alegrias, amanhã, amarguras e lágrimas; no presente, as riquezas de Croso, no futuro, as penurias de Job; n'um momento, o prestigio da força, as honrarias que envaidecem, n'outro, o vexame da escravidão, as humilhações que deprimem.

Como as tempestades oceanicas, levando o fragil baixel até ás



NAPOLEONE VELLANI

(De photographia do sr. Camacho)

nuvens, para, rapido, o conduzir aos abismos, assim as volubilidades do destino, arrojam o ser humano ás culminancias da gloria, para, n'um momento, o lançarem nas voragens do infortunio! Triste condição da humanidade, esta, que a não deixa confiar em si, que a sobressalta, de continuo, com as incertezas do porvir.

No entretanto, cumpre dizal-o, se taes vicissitudes, não, por vezes, superiores á vontade humana, manifestando-se espontaneas, inevitaveis; se se impõem com toda a energia da sua natureza, zombando de habéis esforços para as conseguir ou evitar, imperando despolicas e exigindo passividade complacente ou resignada, — na maioria dos casos, é indiscutivel, o homem prepara, com o seu procedimento sensato ou irreflexido, as boas ou más situações da vida, é responsável unico dos bens e males que o possam delectar ou affligir.

Quantas vezes, uma tactica intelligente, sabiamente, pensada, nos não encaminha á posse do supremo bem? uma iniciativa luminosa, resoluta nos não salva de uma situação difficil? Ou, então, quantas outras vezes, reduzidos por falsas miragens, norteados por errados raciocinios, ou impulsionados por ruins paixões, nos não lançamos nos braços da desgraça e, em estreito amplexo com essa triste realidade, esgotamos a taça do soffrimento e aspiramos o fatal ambiente que consome e mata?

Alternativas da fortuna, superiores, ou não, aos designios humanos, o homem é sempre o objecto de taes caprichos, com os

O Real Theatro de S. Carlos



ADELINA PATTI

aquelles, aquem, por direito de berço ou de suffragio, se confia o melindrosissimo cargo de chefe politico. A nau do estado navega, geralmente, em mares perigosos, o encalço é frequente, e leve impericia da timoneira é, muitas vezes, fatal.

É D. Sebastião, um verdadeiro cego do espirito, obcecado pela idea fixa da guerra, intenta a nas mais deploraveis condições, e atrac sobre o pobre paiz que n'elle confiou, as mais terríveis proceções!

A historia, como juiz inflexivel, não lhe perdoa e o successor de D. João III. jámais se libertará do affrontoso epitheto de *algor da patria*.

O povo, todavia, sempre ingenuo e compassivo, olha o seu rei *derogada*, pelo lado do sentimentalismo e, se o não absolve, não se atreve a condemná-lo. Lastima o nos seus desastres, impressiona-se com o seu fim mysterioso e tece-lhe uma lenda messianica, em que a elegia e a propheta se entrelaçam poetica e graciosamente.

Conduzida antes pelo coração que pela razão, a alma popular sente, não reflexiona e sob este ponto de vista, o heroe d'Africa é, realmente, digno de do. Morto os millos dos infieis que n'elle ceavam a sua furia, ou salvo do morticínio, errante, perseguido, soffrendo mil inclemencias, é um verdadeiro martyr expiando, bem rudemente, os seus erros. Vibra todas as fibras de um coração sensível e acaba por despertar a sympathia e, porventura, a mais forte das sympathias — a do infortunio.

Antes de nascer, D. Sebastião já tinha conciliado o affecção da nação; desejavam-no, ardentemente, como penhor de independencia.

D. João III. tivera a fatalidade de ver desapparecer, prematuramente, nas sombras do tumulo, a sua numerosa descendencia. Encontrou-se, nos ultimos annos da sua vida, apenas, com dois filhos: a princeza D. Maria, esposa de Philippe de Hespanha e o principe herdeiro D. João, casado com D. Joanna, filha do Imperador Carlos V, mas que tambem, por sua vez, falleceu na curta idade de 16 annos. Extremamente, deplorada, esta morte seria um verdadeiro desastre nacional, se a princeza viuva tendo ficado de esperanças, não desse, a luz, pouco tempo depois, descendente, porque sem herdeiro directo, D. João III, segundo contracto, que tacita e anti-patrioticamente fixara com Castella, legaria a coroa a sua filha D. Maria ou

quizes, de bom ou mau grado, se deve, afinal, familiarisar.

Que eloquentissimos quadros, em que o horizonte da vida, atravez dos seculos, é, ora illuminado e aquecido pelo sol vivificante e consolador da felicidade, ora entenebrecido pelas nuvens densas e temerosas da desventura, nos não offerece a historia, a grande mestra da vida, a realissima photographia do passado?

Os maiores imperios, no auge da opulencia, decahindo, de um para outro momento, desleitos em pó diante dos que lhes succedem, como diz um escriptor moderno.

As velhas monarchias do Oriente, os classicos imperios do Occidente, as collectividades politicas da Edda Media, as modernas e as contemporaneas nacionalidades experimentando *esse vacante da sorte*, successivamente appetecidos a detestados, acolhidos com benções e recebidos com maldições!

O nosso paiz, esse decrepito mauta e guerreiro, tambem compartilha das leis fataes do destino.

Nem sempre as quilhas das suas naus singram mares de rosas, ou viu reflectir o sol das victorias na sua armadura reluzente. O pavilhão das quinas, assim como se adornou com as palmas vitoriosas de venturosos felizes, tambem se velou com os crepes de infustos successos.

D'entre as desgraças da patria, destaca-se uma, que, só por si, merece a lamentação de todas as elegias.

Foi um desastre espantoso, completo, com todo o cortejo de funestas consequencias.

Confrange, profundamente, ler as paginas das velhas narrativas, relatando, em desataviada phrase, essa expedição louca de Alcaccer.

Um principe exaltadissimo, genio fogoso e indisciplinado, vontade despotica, reagindo com conselheiros prudentes e experimentados, vencendo todos os obstaculos para escutar, apenas, a voz do seu orgulho indomavel, foi a causa unica do maior dos infortunos nacionais — a perda da independencia.

Graves e temerosas responsabilidades, assumem



ANGELO MASINI

à sua descendência, ficando, assim, seriamente comprometida a autonomia portuguesa.

A despeito de secreto, este vergonhoso ajuste transpirou, passou a ser do conhecimento da nação, que, enciosamente, inquieto, dividia nos seus horizontes políticos a tão detestada união ibérica. Felizmente, tal acontecimento não se realizou, graças ao nascimento de D. Sebastião, o filho posthumo, que veio salvar a coroa de seus motivos — ou, antes, adiar a sua perda. Tão capivante missão rodeou de sympathias o jovem príncipe que, com o correr dos annos, pela sua esbelteza e dotes viris, acabou por se tornar, não obstante graves defeitos, que frequentemente revelava, o idolo do país.

Destro no jogo das armas, perito na arte de cavalgar, forte como um Hercules e valente como um Alexandre; defensor da fé até ao sacrificio e entusiasta até ao delirio, o novo terror da maura lança, na linguagem encomiastica do epico, reoia perante vassallos em extremo submissos, e por elle, verdadeiramente, magnetizados, todos os predições de um rei cavalleiro, excepcional, dum ente predestinado para a realisação de não vulgar empresa.

Nestas condições, fascina e arrasta, loucamente, para o abyssmo, vidas preciosas, interesses sagrados.

Nessa horrorosa procella, n'essa lucta titanica de Alcaçor em que o sangue alaga os campos e os combatentes se retalham com igrina furia, por entre o estrondo pavoroso das armas e os gritos lancinantes das victimas, arroxaz nuvens espessas de fumo e de pólvora, o vulto do rei é extraordinario, inextinguivel de valor. Com a cabeça descoberta, crivado de golpes, ennegrecido pela pólvora, espantado de raiva, occupando-se-lhe dos labios palavras de desesperação e trituração-lhe o espirito, talvez, a herpe do remorso, abre sulcos profundos nas fileiras das infelizes, praticas actos de uma bravura inaudita e, por fim, desaparece, mysteriosamente, n'essas luctuosas regiões onde, no dia 4 de agosto de 1578, emporchecoram os louros de Ourique e Aljubarrota, e a patria dos Gerns e das Albuquerqueas, vendo encaprar-se a estrella fulgurante das suas venturas, cunhou a experimentar o martyrio gradual e lento de sessenta annos de opprobrio!

Qual seria o verdadeiro fim do tenebrosario chelo da expedição contra Andalusmelec?

São tres as supposições: — que morreu em campanha; — que se escapou e veio a empresa, totalmente perdida se suicidou; — que errante e fugitivo, procurou voltar a patria, que, anciosa, o esperava.

A primeira hypothese parece ser a mais provavel. A dignidade real deve perder-se com a vida, tal foi a energica resposta dada por D. Sebastião a Christovão de Távora, quando este general, com os olhos marejados de lagrimas, lhe rogava que se rendesse para salvar a vida. Quem responde d'esta forma, não recua ante o perigo, é um bravo; disposto a combater até a ultima extremidade, sacrificia-se pela causa que defende, morre heroicamente. Ao mesmo tempo os adversarios teriam o maior empenho em não deixar impune o seu principal inimigo. Morto ou prisioneiro, procurariam apoderar-se d'elle, empresa, que lhes não seria difficil, attendendo às condições em que o monarcha, por fim, pelejava — quasi isolado dos seus e completamente cercado pelas tropas agarradas. Não se rendeu, não conseguiram aprisionar-o, logo resta a unica solução plausivel — a morte.

Fazendo justiça aos sentimentos religiosos do rei e de que deu as mais eloquentes provas, é inadmissivel a hypothese do suicidio, completa infracção das leis divinas, por elle tão, severamente, respeitadas; como bem pouco provavel a terceira conjectura — de que se evadira do campo da acção, com o fim de regressar a Portugal, não só pela demonstrada coragem do monarcha, que não permitiria que elle voltasse costas ao inimigo, como pela quasi impossibilidade, de se subtrahir, em regiões que, certamente, lhe eram estranhas, a perseguição, que devia ser tenacissima, dos naturaes d'essas mesmas paragens e, portanto, excellentes conhecedores de todos os seus recessos.

Na crença popular, todavia, D. Sebastião não morreu na campanha. Extremamente querido, joven e valente, symbolisando a organização politica de uma nação e o espirito valoroso de um povo, a morte não ousou feri-lo, respeitou o como ente privilegiado. A missão d'esse príncipe original não devia terminar na lucta, isso seria vulgarissimo. Indicado para mais altos destinos, foi, segundo a credulidade ingenua, recolhido n'uma ilha descoberta, e, ali, aguardando a oppor-

tunidade, em a noite popular do santo Precursor, depois de tres dias de cerrados nevoeiros, tomara a resolução de se dirigir á patria, annunciando-lhe a fundação de um vasto imperio, de que cingiria a coroa, depois de exterminar a heresia mahometana!

Nas horas de adversidade a crença depura-se, notavelmente, e, nos espiritos menos esclarecidos, excede-se a ponto de tocar as variis da superstição.

Como o povo judaico esperando o Messias que lhe restituira a felicidade, sem que o desgano dos seculos lhe abale a fé; como o velho habitante da Bretanha confiando na reaparição do rei Arthur, portador das maiores venturas, assim o hom. povo lusitano, o credulo Sebastianista, aguardou, durante largos annos, a vinda do seu idolo, do seu soberano, verdadeiramente, desejado.

Tal preocupação alimentada depois pelas celebres prophcias de Simão Gomes, Bandarra o Beato Antonio e que tanto dominou os espiritos em Portugal, prende-se com a incerteza, aliás bem fundamentada, com que foi recebido, vindo de Marrocos, um cadaver que diziam ser de D. Sebastião e que recolhido em apparatuso tumulo, no templo dos Jeronymos, em Belem, perpetua no epitaphio a não dissipada duvida: *hic jacet sepultus, si vera est fama, Sebastianus*.

A lenda sebastianica impondo-se como lenitivo unico a uma serie de males que affligiam a patria, esperança meiga e consoladora de uma reabilitação politica mais ou menos problematica, era o derradeiro lenho do naufrago, avidamente, abraçado.

Dogmatica, quasi, pela sua feição maravilhosa, era de molde a relacionar-se com as mais curiosas peripetias, como as comicas tentativas com que um personagem, de inoxidavel memoria, procuraram illudir a boa fé nacional, inculcando-se D. Sebastião. A especulação fez ruido, e a historia registou quatro aventureiros, que, afinal, como Orapustez, o falso Semergis, da antiga Persia, pagaram caro a sua coudade.

Passaram á posteridade com os epithetos de rei de Península, rei da Eriopia, pastoreiro de Madrid e Calabrez.

São quatro figuras muito originaes, cujos papéis mais ou menos habilmente representados, merecem o interesse do historiador que, abstrahido a forma theatral e algo grotesca da exhibição, pode extrahir n'essas singulares aventuras, através um exterior criminoso, um sentimento patriótico, ou um louvavel desejo de subtrahir as guerras de Castella, a deploravel sujeição de um povo escravizado, esse nobre paiz tão respeitavel pela fidelidade dos seus pergaminhos, como sympathico pela indolecia dos seus inferninhos.

Não ha bem que sempre dure, nem mal que sempre ature, reza o velho aphorismo.

Assim é que o formosissimo sol que rutilou nas espadas invencíveis de Alfonso Henriques e Alvares Pereira, se eclipsou em Alcaçor-Kibir, para se ostentar, de novo, radiantissimo no Montijo e Montes Claros; que a importância politica dos aureos tempos de João II e Manuel o Venturoso, vacillante nos dias nefastos do Desajudo e do Cardal e, completamente, abatida com a dynastia estrangeira, resurgiu vigorosa no seculo XVIII, opulenta em João V e aliada em Sebastião José de Carvalho.

São as vicissitudes da vida.

Acolhendo as jubilosos, quando favoraveis, accedemos las resignados, quando adversas, e com os olhos fitos na estrella acariadora de esperança, aguardemos, com animo sereno, o doce ralar de uma aurora de venturas.

Domasceno Nunes.

O REI DAS SERRAS

POE

Rudmond Abbott

(Continuação do numero antecedente)

Passou o braço esquerdo pelo pescoço de Demetrio, estendeu a mão tremula para o punho da espada, tirou a curota a lamina para fora da bainha e encaminhou-se para a escada onde os insurrectos se aaventuravam hesitando. Ao vel-o, recusaram todos, como se a terra se houvesse aberto para deixar passar o grande juiz dos infernos. Eram quinze ou vinte, todos armados: nenhum

se atreveu a defender-se, nem a desculpar-se, nem a fugir. Todos vergavam-lhes as pernas como perante o rosto ameaçador do Rei ressuscitado.

Hadgi-Stavros marchou direito para Goltzida, que se escondia, mais do que os outros pallido e enregelado. Deitou o braço para ir e n'um esforço impossivel de medir-se e d'um só golpe decepou aquella cabeça ignobil e espantada. Voltou-lhe depois o tremor. Deixou cahir a espada junto do cadaver e não se dignou levantá-la.

— Vamo-nos embora, disse. Levo vossa a bainha. A lamina já não presta, nem eu; acabou-se.

Os antigos companheiros chegaram-se a elle para lhe pedir perdão. Não os honrou com uma só resposta. Pediu-lhes que o levassemos a Castin para arranjar cavallos e a Salamina para procurar a Photini.

Os salteadores não se oppuzeram á nossa partida.

Ao cabo de poucos passos, os meus amigos perceberam que só a muito custo me arrastava. Giacome amparou-me. Harris perguntou-me se eu estava ferido. O Rei deitou-me um olhar de supplica. — Contado! — Contei que havia tentado uma evasão perigosa, que fôra fatal para os meus pés.

Descemos devagar as atalhas. Os gritos dos feridos e as vozes dos salteadores, que ficaram de libertando, perseguiram-nos por muito tempo da aldeia, o tempo foi melhorando, os caminhos enrugavam sob os nossos passos. O primeiro raio de sol pareceu-me uma bellera.

Hadgi-Stavros pouco attenção prestava ao mundo exterior. Desceia o olhar sobre si mesmo. Não é facil deixar velhos habitos de cincoenta annos.

Ao chegarmos ás primeiras casas de Castin encontramos o frade que levava um enxame dentro d'um sacco. Pediu-nos desculpa de não nos ter ido ver desde a vesperta; tivera medo de tantos tiros. O Rei fez-lhe um signalzinho com a mão e foi-se andando.

Os cavallos dos meus amigos esperavam-os com o guia ao pé da fonte. Perguntei-lhes porque haviam trazido quatro cavallos. Disseram-me que o sr. Merinay fazia parte da expedição, mas que se apressa para observar uma pedra e que nunca mais tinha apparecido.

Giacome fôndi paz-me em cima da sella com um só braço: tinha de ser assim sempre. O Rei, ajudado por Demetrio, conforme ponde, lá montou também. Harris e o abrinho saltaram para os cavallos. O Maltex, o Demetrio e o guia seguiram a pé.

Em caminho approximei-me do Harris, que me contou como fôra que a filha do Rei cahira em seu poder.

«Cheguei do meu cruzeiro contente comigo e todo inchado por haver afogado um melec duzia de peralhas. Ancora no Pireu ao domingo da seia horas e venho a terra. Como havia oito dias que vivia isolado com o meu estado maior, não se me dava d'uma extravagancia d'um bocão de palestra. Tomo uma tipia na porta e ajuto-a por toda a noite. Chego a casa do Christodulo. Consternação geral! Estavam lá todos para a ceia: o Christodulo, a Marcia, o Demetrio, o Giacome, o William, o sr. Merinay e a pequenina dos domingos cada vez mais endomingada. O William conta-me o caso. O que eu berrei! Estava furioso de ter estado fora aquelles dias. O pequeno diabo que fez quanto ponde; bateu a todas as portas da cidade em busca de quinze mil francos; mas os paes abriam-lhe apenas um credito limitadissimo. O caso é que não arranhou o dinheiro. Foi, só por descaigo de consciencia, ter com o sr. Merinay; mas o suavissimo sr. Merinay dia que todo o seu dinheiro o empreitou a uns amigos intimos, que moram muito longe d'aqui, muito longe, ainda mais longe que o fim do mundo.

— Mas com mil diobas, disse eu a Lobster, é com moeda de chumbo que devemos pagar a esse velho patife! Tratemos de organizar uma caçada aos palicaros. Prazer dobrado é atirar contra caça que se defende. Arranja-me pólvora e balias e amanhã pela manhã entramos em campanha.

«O William pega na taca e o Giacome dá-me uma dos seus bem conhecidos murros. Jura acompanhar-nos, contando que se lhe dê uma espingarda d'um zero só. Mas o mais entusiasmado era o sr. Merinay, que queria tingir as mãos no sangue dos criminosos.

«Eu puz-me a rir, satisfeito, tanto mais que sempre se está alegre na vesperta d'uma batalha. O Lobster estava todo contente por poder mostrar aos ladrões os progressos que havia feito. O Giacome não podia sustentar a alegria; os cantos da bocca chegam-lhe ás orelhas. O sr. Merinay tinha um resplendor; já não parecia um homem, parecia um fogo de vistas.

«O resto dos curiosos tinha caras de palmo. A

pasteleira não fazia senão benzer-se. O Demétrio erguia os olhos para o céu. O tenente de phalange aconselhava nos a que pensássemos maduramente antes de nos metter com o Rei das Serres. «Mas a pequena do nariz achatado, aquella a que o meu amigo poz o nome de *Crinolina invariabilis*, abysmára-se n'um desgosto que dava vontade de rir. Suspirava como um rachador de lenha, só comia por cerimonia e tão pouco que o que ella metteu na bocca cabia-me no olho esquerdo.

— E' uma santa rapariga, Harris, disse-lhe eu. — Nunca lhe pude perdurar os vestidos que sempre se mettem debaixo dos pés da minha cadeira, o cheiro da patchouli que ella espalha, e os olhares enternecidos e pasmados com que dá volta á mesa. Parece, palavra, que não é capaz de olhar para uma garrafa sem a numerar.

«A's nove horas foi-se para o collegio; desejei-lhe uma boa viagem. Dez minutos depois, apertou as mãos dos amigos, combinando encontrarmos-nos no dia seguinte; saiu, recordo o cucheiro, e agora adivinhe quem eu encontro na carruagem? A *Crinolina invariabilis* com a criada do pasteleiro!

«Ella põe um dedo na bocca, eu subo sem dar palavra e a carruagem abala.

— Sr. Harris, diz-me ella em menos máo inglês, jure-me que renuncia aos seus projectos contra o Rei das Serres.

«Ponho-me a rir e ella põe-se a chorar. Diz-me que morrerei, respondo-lhe que eu é que matarei os outros, não quer que matem o Hadgi-Stavros; quero saber porque e por fim, já de eloquencia falha, exclama, como no quinto acto d'uma tragedia:

— E' meu pae!

«Em vista do exposto, ponho-me a meditar seriamente. Uma vez por outra não faz mal. Parece-me que é possível recuperar um amigo perdido sem arriscar a pelle do meu dois.

— Seu pae é seu amigo? pergunto á joven patriciara.

— Mais que da propria vida.

— Já alguma vez lhe recusou alguma coisa?

— Nada que me seja preciso.

— E se lhe escrivessas pedindo que lhe remetesse o sr. Hermann Schultz, mandou-lh'o-hia na volta do correio?

— Isso não.

— Tem a certeza d'isso?

— Toda.

— Então, minha sr.^a, só me resta um remedio. Para banoleiro, banoleiro a meio. Levo-a para bordo da *Fancy* e guardo-a como refens até á volta do sr. Hermann.

— Ia propôr-lh'o. Por esse preço o pupá não deixa de entregar o seu amigo.

Não pude deixar de interromper a narração de John Harris.

— Pois não admira essa pobre rapariga que tanto o ama, que assim toda se lhe entrega?

— Poderá não! Era o unico meio de salvar seu honrado pupá. Bem devia de saber que, uma vez declarada a guerra, lhe havíamos de deixar mão.

«Prometti tratá-la com toda a consideração que uma senhora deve merecer a um homem de bem. Até no Pireu não fez senão chorar e eu consoltei-a como pude.

— Sou uma mulher perdida! murmurava baixinho.

«Eu prometti-lhe que a haviam de encontrar.

«Ajudei-a a descer da carruagem e a embarcar com a criada no escalier, que nos espera agora. Escrevi ao velho patife uma carta muito categorica e mandei outra vez a criada á cidade com um recadinho para o Demétrio.

«A bella inconsolavel mandei que a tratassem como uma infanta.

«Esperei a resposta do pae até segunda feira á noite; depois fultou-me a paciencia e volvi á primeira idéa; peguei nos pistolas; fiz signal aos meus amigos, e o resto já sabe.

«Agora a sua historia. Deve dar pelo menos um volume.

— Um instante, disse. Preciso dizer duas palavras ao ouvido de Hadgi-Stavros.

Cheguei-me ao Rei das Serres e disse-lhe baixinho:

— Não sei porque foi que lhe disse que a Photini gostava do John Harris. Foi o medo que me transformou a cabeça. Agora conversei com elle e jurei-lhe sobre a cabeça de meu pae que ella lhe é tão indifferente como se nunca se houvessem conhecido.

O velho agradeceu-me com um gesto de mão e deixei-o para ir contar a Harris as minhas aventuras com Mary Ann.

— Bravo! disse eu. O romance ficaria incompleto sem um bocadinho d'amor. Pois amor não lhe falta o tanto melhor.

— Perdão, respondi. Não se trata de amor; simples amizade por meu lado, por outro um bocadinho de gratidão. Que mais é preciso para um suspiro enlaço?

— Cese, meu amigo. Desejo ser sua testemunha.

— E bem o merece, John Harris.

— Quando tores a vel a? Desejaria assistir á entrevista.

— Desejava fazer-lhe uma surpresa, encontrá-la como por acaso.

— Depois de amanhã, no baile da corte. Ambos estamos convidados. Até lá, meu rapaz, fique-se a bordo do meu navio para restaurar as suas forças. Tem os cabelos queimados e os pés em máo estado. Tudo se ha de remediar.

Erão uma hora da tarde, quando o escalier da *Fancy* nos depoz a bordo. O Rei das Serres foi preciso leve-o, porque não se tinha nas pernas. A Photini cahiu-lhe nos braços chorando. Não pondei com a alegria de ver-lhes e salvos, depois do combate, a quantos annos. Mas achou o pae envehecido com mais muitos annos. Talvez também a molestasse a indifferença de Harris, que a entregou ao pae com uma semcerimoniosa perfeição americana.

— Estamos desobrigados. Entrego-me o meu amigo, entrego-lhe a sua filha. Amigos, amigos, negócios á parte. E agora, augusto velho, sob que climas abençoados irá procurar quem o enforque? Não me parece que seja homem para desde já pensar em reformar-se.

— Queira perdoar, respondeu com certa altivez. Disse adeus ao bandoleirismo e para sempre. Que faria eu nas serres? Toda a minha penitência é morta, ferida ou dispersa. Poderia levantar outra; mas estas mãos, que obrigaram tanta cabeça a baixar-se, estão perdidas para o serviço. Substituíam-me os novos; mas não creio que possam equalizar minha fortuna e minha fama. Que prestimo acharei n'este resto de velhice que me concederam? Não sei por ora; mas hei de bem aproveitar meus ultimos dias. Quero estabelecer a minha filha e dictar as minhas memorias. Talvez até, se os abalos d'esta semana me não prejudicarem muito o cerebro, eu dedique ao serviço do estado meu talento e experiencia. Conceda-me Deus a saúde do espirito e dentro em seis mezes estou presidente do conselho.

(Continua).

SCIENCIA MODERNA

XXII

UM NOVO FECULOMETRO

A substancia que dá valor nutritivo e commercial á batata é a *fecula*. A percentagem em fecula da batata pode variar desde 13 a 14 % até 23 %. Até hoje, os vendedores não tem attendido, para o calculo do seu preço, á percentagem em fecula que estas contêm, tendo estas obtido um preço igual independentemente d'essa quantidade, o que não deveria succeder. A maior percentagem em fecula, deveria corresponder maior preço, e vice-versa, porque d'ahi depende o seu valor nutritivo.

Talvez este facto seja devido á falta de um apparelho de manipulação facil, de modo que rapidamente se possa avaliar a densidade dos tuberculos e conjunctamente a sua percentagem em fecula.

Este inconveniente remediar-se-ha com o novo apparelho que passamos a descrever?

As vantagens que elle apresenta sobre todos os outros feculometros são enormes e parecem demonstrar que do futuro venha a ter uma grande applicação.

Apresenta, como primeira vantagem a precisão rigorosa na indicação da densidade aproximada até ás millesimas, o que o torna superior a todos os outros apparelhos da mesma especie; em seguida, a sua manipulação não carece de operações difficilissimas porque o seu manejo é simplicissimo.

Em ultimo lugar, a construção do apparelho é facilissima.

Funda-se este apparelho no principio dos areometros de peso constante e volume variavel.

E' composto:

1.º De uma *cassa* onde se colloca um corpo pesado (por exemplo, granalha de chumbo) com o fim de manter o equilibrio na agua.

2.º Um fluctuador cuja secção horizontal é uma coroa, a qual é hermeticamente fechada para que a agua não penetre n'elle.

3.º Uma haste fixa ao centro do fluctuador e graduada. De cada lado d'esta, ha uma columna

de numeros, a da esquerda indica as densidades expressas até ás millesimas, a da direita, a riqueza em fecula correspondente. Como o apparelho deve ser introduzido na agua, annexa-se-lhe, um vazo cylindrico de 0,50 de profundidade, e 0,30 de diametro.

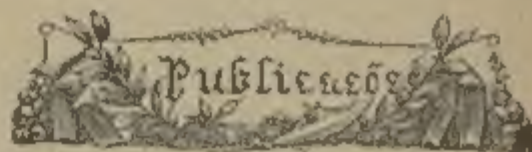
Precisão das indicações. Foi uma das vantagens que já deixámos apontadas. As densidades sendo-nos dadas até ás millesimas, qualquer diminuição ou augmento na densidade faz com que o apparelho suba ou desça na agua, uma quantidade muito apreciavel.

A temperatura externa não impede as operações. Estando a tempo mais quente, a agua do reservatorio ficando mais leve, o tuberculo torna-se mais denso, o que compensa.

Manipulação. Colloque-se 1 kilogramma de batata secas ou qualquer outro producto agrícola, no vacuo central do fluctuador, e leia-se o ponto de afforamento na escala que dá a densidade e riqueza correspondente em fecula.

3-11-1900.

Antonio A. O. Machado.



Recobemos e agradecemos:

Novas revistas

E' sempre com muito prazer que verificamos a existencia de mais alguma revista portugueza litteraria, scientifica ou artistica. Destacamos hoje as seguintes:

Bohémica—Publicação mensal da litteratura e arte—Directores: Antonio Carvalho e Gonçalves Dias—Porto, 1900;

O Lavrador—revista agricola mensal publicada pela Associação dos regentes agricolas—Lisboa, 1900;

Revista Italiana di scienze lettere arti e teatri—Directores: Carlo Cox Calangoro—Firenze—1900; **La Industria Alemana de las Máquinas**—Berlín S. W—1900;

Rocha Pombo—Compendio da Historia da America.—Obra didactica, premiada com o primeiro premio em concurso perante a Directoria geral de instrucção publica do Capital Federal, e adoptada para os estabelecimentos de ensino do mesmo Districto. —Rio de Janeiro. Luenemert & C.^a, editores, 1900.

Este é, sem objecção possivel, um livro de grande importancia para o conhecimento geral da vida historica de America e dos jovens nacionalidades americanas, que se desprenderam da velha dominação europea.

Apesar de ser feito pelos moldes obrigatorios d'um programma official, o Compendio do sr. Rocha Pombo não tem a seccura d'uma obra puramente escolar, e ao seu caracter didactico junta com vantagem as excellencias da forma litteraria, que lhe dá relevo e brilho, tornando-o interessante para todos os estudiosos e util para todos os leitores.

O competente parecer, que recuava sobre este trabalho de folego, e vem transcripto á frente d'elle, preconiza as qualidades d'artima indispensaveis a todo o escriptor que se abalança a tratar d'assumptos d'essa ordem, — e reconhece-as, com razão, no auctor da *Historia da America*. E são do mesmo parecer, formulado pelo dr. Manuel Bomfim perante o Conselho superior de instrucção publica do Districto Federal, as seguitas lóbas, que toem a severidade synthetica d'um julgo critico:

«O estylo é geralmente vigoroso, e, longe de gerar essa apathia ou fadiga que sentimos diante do commum das historias modernas, chega a impressionar e commover. O auctor é um espirito apaixonado. Ha occasiões em que se mostra quasi eloquente, apesar das ligeiras incorrecções de linguagem, incorrecções devidas, talvez, á precipitação com que foi o trabalho executado, e que serão facilmente corrigidas.»

Sinceramente, estamos d'accordo com o elogio e com o reparo; mas não achamos bem cabido aquelle quasi restrictivo, que antecede a qualificação de eloquente. Na verdade, o dom preponderante na prosa do sr. Rocha Pombo é justamente a eloquencia. Este predicado raro não lhe embarga o methodo nem a proficiencia da exposição, e concorre sobremodo para exaltar a valor do *Compendio de Historia da America*, no seu duplo effeito d'obra de instrucção e de propaganda.

Cada vez mais a Europa está precisando de observar com atenção o esforço ascensional da America, que vai completando sempre a sua emancipação politica pela via da emancipação espirital. A sabida formula da America para os americanos deixou de ser uma simples recommendação de Monroe, para uso somente dos Estados Unidos; e tomou já a extensão d'um principio philosophico, adoptado por todas as nações da America.

O livro do sr. Rocha Pombo filia-se evidentemente n'esse largo movimento intellectual.

Rocha Pombo — O Paraná no Centenario. — 1500-1900. — Rio de Janeiro, 3 de maio de 1900. Typographia Lauzinger.

Aquella eloquencia natural, que caracteriza o estylo do sr. Rocha Pombo, reproduz-se tambem n'esta outra obra do mesmo auctor, com cuja noticia só agora podemos subsidiar a valiosa bibliographia do quarto centenario do descobrimento do Brasil.

O que desde logo recommenda este livro á nossa reconhecida sympathia é o enthusiasmo, cheio de lyrismo e d'amor, com que o esclarecido historiographo do Paraná celebra os feitos heroicos de Portugal, que foi senhor dos mares innavegados e de novos continentes, e teve ainda a fortuna de perpetuar n'um poema sem igual a memoria do seu impulso extraordinario para a civilisação do mundo.

Referindo-se ao movimento concorrente das navegações de descoberta e de con-

O REAL THEATRO DE S. CARLOS



MAESTRO MARINO MANCINELLE

quista, no seculo XI, o sr. Rocha Pombo escreve estas palavras justiceiras:

«E' por isso que o poema de Camões é a verdadeira epopeia moderna para todos os povos: elle celebra os novos heroes que — excedendo os antigos — venceram a velha divindade temerosa. Queremos porventura um canto bem edificante, proprio para arrebatrar as almas no meio das festas com que estamos commemorando o seculo glorioso? — Ah! está a immortal epopeia dos mares!»

Como estudo minudenciado da choro-graphia e da historia paranaenses, o livro do sr. Rocha Pombo parece-nos muito completo, — e assim deixa de ter um feição exclusivamente *centenal*, isto é, d'ocasião, para ser em qualquer tempo uma obra de consulta, com todos os requisitos d'uma boa e lucida Chronica.

E a sua leitura suggerer-nos ainda a idéa de que haveria grande conveniência em tornar bem conhecidas, entre nós, as incomparaveis bellezas e riquezas naturaes do Paraná, favorecido por um clima excellentissimo, afim de se desviar para aquelle florescente Estado alguma parte consideravel da emigração portugueza, que cegamente obedece a ramos e a processos rotineiros.

Os nossos applausos, enfim, ao notavel escriptor brasileiro.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.



ASPECTO DA SALA DO RISCO NO BANQUETE OFFERECIDO AOS OFFICIAES DA ESQUADRA INGLEZA, EM 8 DO CORRENTE